

Sou Reginaldo Pereira de Figueiredo, tenho 63 anos, sou poeta, e há mais de 20 anos vivo da poesia. Hoje, consigo perceber melhor como minha história de vida e a poesia estão associadas, afinal, somos tudo aquilo que já vivemos. Para explicar o meu fazer poético, preciso falar de fatos que ocorreram em períodos de minha infância, adolescência e vida adulta. Partindo das relações que me movem as que mantenho com as pessoas e com o universo.

Nasci em Serrinha, no Estado da Bahia, sou filho do alfaiate João Figueiredo e de Raimunda Pereira Figueiredo. Com seis meses de nascido, Mudei com minha família para a Cidade de Juazeiro do Norte, Ceará. Foi lá onde tive minhas primeiras experimentações conscientes do mundo. Meu avô, João Alencar de Figueiredo, foi escrivão da prefeitura durante o mandato de Padre Cícero Romão, sendo os dois, grandes amigos. Por esse motivo, minha família, até os dias de hoje, possui muitos objetos do padre, uma batina e algumas fotografias.

Diante do misticismo que cerca Padre Cícero, cresci ouvindo relatos sobre essa grande figura, de sua fama no Nordeste e em todo o país. Falavam sobre seu intenso trabalho pastoral com pregação onde ele visitava os fiéis para conhecer suas histórias e dar conselhos espirituais. Em minha infância, eu gostava de visitar o estúdio do cantador de viola, o repentista Pedro Bandeira, onde costumava ouvir a canção que dizia: "Fiz uma promessa com meu padre Cícero e o meu sacrifício ele me atendeu...".

Outras histórias que povoaram minha infância, eram as que falavam sobre as terras localizadas no Crato, interior do Ceará, que o padre Cícero havia doado a centenas de sertanejos, liderados pelo beato paraibano José Lourenço. Estas terras eram conhecidas como Caldeirão dos Jesuítas, depois se tornaram Caldeirão da Santa Cruz do Deserto, protagonizando um forte movimento social que pregava o modo de vida comunitário e a sociedade igualitária atraindo pessoas de todo o sertão. Esse movimento sempre foi uma grande influência em minhas ações militantes e organização social.

Foi na escola José Bezerra de Menezes onde iniciei meus estudos, que tive meu primeiro contato com a literatura e a poesia, pelos textos do poeta Carlos Drummond de Andrade. Gostava de ler seus poemas e modificá-los, ainda criança. Da quinta a oitava série, fui estudar no colégio municipal Antônio Xavier de Oliveira, neste período,

comecei a me interessar por literatura de cordel e pelos cordelistas: Cego Aderaldo, Expedito Sebastião da Silva e Raimundo Santa Helena.

Em 1978, ingressei no colégio Diocesano, no Crato, para cursar o segundo grau. Neste tempo, o famoso poeta Cearense, Patativa do Assaré, fazia um programa em uma Rádio, que era próxima ao colégio. Assim, tivemos várias oportunidades de presenciar Patativa recitando seus poemas de memória, que muito me emocionaram. Este período de minha infância e adolescência, trouxeram memórias literárias que me inspiram, ainda hoje.

Foi aos 20 anos de idade que mudei para Fortaleza, para estudar. Em 1982, entrei no curso de ciências sociais, na UNIFOR. Mas, a vida e o afeto me levaram para outros caminhos. Após largar a universidade, fiz muitas viagens pelo Brasil. E foi durante essas viagens que houve o meu despertar para uma consciência literária, onde passei a ter como hábito escrever, em cadernos, sobre minhas experiências, vivências e sentimentos. Hoje eu percebo que esses escritos foram meus primeiros poemas.

Em 1986, casei com Lúcia Sousa, e fomos morar em Jaru, Rondônia. Após seis meses, mudamos para Porto velho, onde eu exercia a profissão de comerciante, em 1988 nasceu minha primeira filha, Zulmira.

No ano seguinte, após a eleição presidencial, estourou o plano cruzado. Pouco antes, eu havia vendido meus bens para retornar à Fortaleza, mas acabei ficando sem dinheiro devido um congelamento do governo onde só podíamos sacar cinquenta cruzados, e a situação financeira ficou muito difícil. Lúcia e nossa filha chegaram em Fortaleza no mês de dezembro de 1988, e eu, em janeiro de 1989. Alugamos uma casa no Henrique Jorge, próximo à casa do meu irmão, Cícero. Em 1990, já em Fortaleza, nasceu minha segunda filha, Regilane.

Em 1993, comprei uma casa no conjunto São Cristóvão, através da Caixa econômica federal. Fomos os primeiros ocupantes do conjunto habitacional. Este período, no São Cristóvão, foi talvez o mais conturbado de toda minha vida. Ali, surgiu minha relação com os movimentos sociais de moradia e com as diversas situações sociais que me serviram de inspiração poética/política para criar o Templo da poesia e a comunidade Vila de poetas, onde resido atualmente.

O tempo que passei nos movimentos de moradia, foi muito intenso. Neste período, tive a certeza de que as pessoas são livres e tem o direito de conseguir

recursos para viver bem. No conjunto São Cristóvão comecei a articulação com outras pessoas, em busca de direitos e garantia de moradia digna. Juntos criamos a Associação dos moradores do conjunto São Cristóvão (AMCOSC) e o Movimento de luta dos conjuntos habitacionais (MLCH), que tinha como principal objetivo a redução das prestações mensais das casas e a negociação da permanência das pessoas em situação de inadimplência. Assim, nós nos articulamos contra o despejo de várias famílias, fundamos uma rádio comunitária, entre outras ações; até que nosso movimento alcançou importância nacional e internacional.

Outra vivência marcante, na minha vida, neste período, foi o curso de Planejamento Urbano e Pesquisa Popular (oferecido pela ONG Cearah Periferia), em que desenvolvi o potencial de mobilização em uma militância coletiva. Durante todas estas relações, a escrita me acompanhou. Pois, costumava escrever poemas sobre todos esses fatos, e, assim, a poesia também ia me movimentando. Já nesse período, embora de forma não consciente, eu já vivia a hábito que tenho de que quando não sei o que fazer da vida, faço um poema, e o poema diz o que devo fazer.

Minha participação nos movimentos sociais de moradia, foi bem ativa até o ano 2000. As experiências dentro do movimento tornaram-se combustíveis para diversas poesias que estão contidas no meu livro “Vida Contínua” (2002), um deles é o poema História da Luta Popular do MLCH:

“Quando o despejo ameaçou,  
A comunidade se organizou,  
Sua força mostrou,  
A sede da AMCOSC em mutirão se levantou,  
A FECECE a outras comunidades nos apresentou,  
A Federação Bairros e Favelas participou,  
Indignação o CDPDH manifestou,  
Os conjuntos habitacionais o MLCH, criou,  
O conjunto São Cristóvão foi quem sediou,  
A irmandade aumentou,  
Planilha de custo de uma casa o GRET elaborou,  
2.960 reais foi o que custou,  
O roubo que a engenharia praticou,  
O CREA descobriu e calou;  
Na câmara e na assembleia se manifestou,  
Na procuradoria e na justiça também passou,  
O juizado especial nem ligou,  
A participação aumentando,  
E com recurso da comunidade  
Construímos sem vaidade,  
Mais uma obra na cidade,  
A rádio caldeirão de verdade,  
Esse nome que foi dado,  
E de um movimento comunitário,

E movimento de libertação,  
Era povo miserável antes da sua organização,  
E o estado com sua preocupação,  
Com aviões bombardeou o povo do caldeirão;  
Para acabar com o anseio de libertação.  
No MLCH aprendendo estávamos,  
Descobrimo nosso valor,  
Caminhávamos todos juntos,  
Nos defendendo do horror,  
Mas a campanha eleitoral chegou,  
Alguém se projetou,  
Prometendo a solução,  
Tirando das nossas mãos,  
Iludindo-nos com a ilusão,  
Que nas câmaras do estado,  
É onde está a solução.  
Lembro o passado com saudade,  
Mas sem vaidade,  
Não valorizo personalidades,  
Somente organização,  
Não quero elevar ninguém aos status de patrão,  
Quero ver o povo organizado, projetando sua ação,  
Essa história pra mim é boa,  
Põe que pode ser contada,  
Em nenhum momento dela,  
Necessita ser cortada.  
Termino este relato,  
Com um agradecimento,  
A todos que participaram,  
Comigo nesse momento,  
Que para mim, espiritual foi o crescimento”

Hoje, vejo a minha participação nos movimentos de moradia com muita alegria, ao lembrar de todas as pessoas que estiveram conosco nesta ação. Lembro que, nesta época, eu pensava muito na criação de uma escola alternativa, possibilitando um funcionamento autônomo e independente, que seria dirigido por meio da equidade e da solidariedade. Sonhava também em morar no campo, para poder pisar no chão de terra e ter tempo de conversar com as pessoas.

Em 2000, fui para o encontro “Istambul Mais 5” organizado pela ONU na Cidade do México, onde tive um momento marcante recitando o poema “Teremos Tudo”:

“Quando todos de nós  
Entendermos  
Que de nada somos dono,  
Teremos tudo.”

Ao retornar dessa experiência, depois de algum tempo, fui convidado para pensar a criação de uma organização não governamental. Foi quando criamos uma

ONG onde desenvolvemos uma oficina de mosaico com um grupo de jovens moradores de bairros periféricos. Fiz uma amizade muito intensa com estes jovens, que, após esta oficina, abriram um ateliê próprio, que funciona até hoje.

Este foi um período de transições em minha vida pessoal, com a saída do movimento de moradia, minha separação, e o início de relação com minha atual companheira, Ana Lourdes de Freitas, pessoa importante na criação do meu primeiro livro “Vida Continua” (2002), pois me ajudou na organização de diversos textos que estavam guardados.

Neste mesmo período, após alguns esforços e com o apoio do Cearah Periferia, conseguimos comprar uma casa no bairro Eng. Luciano Cavalcante. Foi lá onde criamos nosso ateliê, local de produção e residência para nós, durante algum tempo.

E, assim, dando aulas de mosaico, conheci muita gente e muitos espaços. Até que fui convidado pelo Estado para trabalhar no centro São Miguel, com jovens infratores. Vivências essas que me fortaleceram enquanto poeta. Certa vez, durante uma aula que deveria ser sobre mosaico, mas não havia material, tive a ideia de oferecer uma experiência poética para os jovens que ali estavam. Inicialmente, os meninos fizeram brincadeiras dizendo: “que negócio é esse de poesia, professor? tá doido?”. Então, eu disse: “vamos fazer uma poesia com o tema: liberdade!”. E cada jovem foi se levantando e dizendo uma palavra, uma frase, e eu fui colocando tudo no papel.

Este, foi um momento muito forte. Nos envolvemos numa energia muito poderosa. E, assim, com exceção de uma palavra que coloquei no texto poético, todo o material foi produzido por aqueles jovens, que transbordavam poesia. O poema que nasceu foi:

“Liberdade toda hora.  
Viver como pássaro  
Que voa pra onde quer.  
Ser compreendido por todos,  
Com amor no coração.  
Preciso pagar minha dívida  
Porém é com dignidade que daqui devo sair,  
Não quero voltar pra cá,  
Prometo me esforçar.  
Para no erro não mais cair”

Após esse episódio, que me comoveu e comove até hoje, eu assumi que queria viver da poesia e ser um poeta. Foi, nesse momento, que eu percebi o real poder da poesia. Como ela pode ser transformadora. Como ela pode ter um papel importante na nossa vida. Durante toda a minha vida, ela esteve presente, embora, sempre em segundo plano. Mas, depois desse acontecimento, dali em diante, ela estaria sempre em primeiro lugar.

Outro acontecimento muito marcante no meu próprio reconhecimento como poeta, foi quando houve uma redução do salário dos educadores sociais. Meus colegas, indignados, e que sabiam da minha história nos movimentos sociais de moradia, pediram para que eu conversasse com o secretário de trabalho e ação social.

Após várias tentativas de contatar o secretário, eu já estava indignado. Então, fui até lá, após mais uma tentativa frustrada de ser recebido, e me sentei no chão da secretaria e escrevi o poema: “Senhor secretário”, publicado em meu segundo livro, “A porta estreita” (2008):

“Senhor secretário,  
Eu não vim reclamar,  
Vim falar um pouco  
Da vida de um poeta louco  
Que está aprendendo a amar.  
A poesia acalma, relaxa,  
Ajuda-me a pensar  
O amor não tem valor econômico,  
Cartão de crédito não compra.  
Sou educando e educador  
Minha ferramenta é o amor  
Preparo-me todos os dias  
Para um novo encontro  
Com jovens ameaçados,  
De famílias embriagadas,  
Transmitindo o que recebem  
Insegurança e desamor.  
“Lixo da humanidade”  
Assustam a sociedade  
Não se sabe o que fazer.  
Mas eu não vim reclamar  
Vim dizer que existo,  
Tenho endereço,  
Trabalho, o dia inteiro,  
Estudo eu faço História,  
Quero ver outra realidade chegar.  
Não, eu não vim reclamar.  
Vim dizer que, ganhava pouco,  
Diminuir é dificultar mais ainda  
O que eu faço e gosto de fazer.  
Amar não tem preço, mas tem custo,  
Para estudar, para aprender, para saber,  
Saber o que estou dizendo,  
Tem gente que pelo trabalho  
Ganha mais do que merece,  
Esse deve sim receber  
Para estudar, novas formas de trabalhar.  
Para ajudar aos jovens crescer,  
Não como mercadoria,  
Ponta de estoque, descartáveis,

Mas como seres humanos iguais  
Em direitos, em oportunidade,  
Sem esmola.  
Não, eu não vim reclamar,  
Trouxe minha carteira de trabalho  
Mas com a redução do salário  
Eu não vou assinar”.

Nesse mesmo dia, passei no jornal O Povo, deixando meu poema de indignação com uma moça, que o publicou. Três dias depois, recebi uma ligação informando que o secretário queria falar comigo. Então, eu disse: “diga ao secretário que minha agenda está cheia!”. E mais uma vez tive certeza de como a poesia é potente e transformadora, em todas as situações de minha vida.

E diante dessa nova afirmação, logo após este acontecimento, por intermédio do poeta Jorge Furtado que eu havia conhecido na casa do Tôta, artista plástico de Fortaleza, participei de um sarau, onde conheci o poeta Ítalo Rovere, uma pessoa que foi decisiva em todas as ações de minha vida, desde então.

Foi da minha relação de amizade com Ítalo, e da vontade em comum de viver poesia, que inauguramos, no dia 4 abril de 2009, o espaço-arte chamado Templo da poesia. A inauguração teve a presença de muitas pessoas, até mesmo da imprensa.

O Templo se tornou um lugar de grande importância na cena cultural de Fortaleza. Neste espaço, nós trabalhávamos com diversas linguagens artísticas como a dança, a música, o teatro, a performance, mas, a nossa principal linguagem era a poesia, a literatura. Também, um ano antes, eu havia lançado meu segundo livro “A porta estreita”, em 2008.

Em 2011, no dia 07 de Junho, eu fui homenageado na Assembleia Legislativa do Estado do Ceará, pela passagem dos 20 anos de fundação do Centro de Estudos, Articulação e Referência sobre Assentamentos Humanos – CEARAH PERIFERIA. A homenagem foi pela minha história de luta no movimento de moradia. E, cada vez mais, era reforçado, dentro de mim, o sentimento de que o viver coletivamente é algo maravilhoso. E muito deste sentimento de coletividade que sempre me comoveu, eu sentia e ainda sinto na vivência do Templo da poesia.

Os principais poetas-produtores que possibilitaram, juntos, este espaço, em seu surgimento, foram: Eu Reginaldo Figueiredo, Ítalo Rovere, Ana Lourdes, Carlos Amaro, Carlos Arruda, Emiliana Paiva, Geovana Gurgel, Luana Oliveira, Manoel César, Nilza Costa e Silva, Rita Carvalho e Talles Azigon. Coletivamente, nós procurávamos criar uma programação diversificada que atendesse as demandas do público e as nossas também. Assim, parecia

um sonho, sonhado coletivamente e que se concretizava: estar reunido com pessoas queridas, possibilitando tantas vivências com a poesia.

A vivência do Templo da poesia, para nós, era um encontro de almas. Tanto para os membros fixos, quanto para os frequentadores e as demais pessoas que, de alguma forma, envolveram-se com este espaço. Muitas pessoas que hoje trabalham com arte e cultura, tiveram o Templo da poesia como uma possibilidade de descoberta, um início. Hoje, eu sinto muita felicidade e orgulho em como o Templo ajudou na formação de tantas pessoas queridas.

O Templo também foi um espaço precursor na realização de saraus, em um período em que os poucos saraus que aconteciam na cidade estavam parados. Nós criamos a proposta do: “Palco aberto”, um tipo de sarau que mesclava uma programação combinada e aberta, democratizando o palco. O sarau era aberto para qualquer pessoa se apresentar, em qualquer linguagem, inclusive, sendo ou não artistas. Além disso, realizávamos, constantemente, grupos de estudos com temas variados, palestras, oficinas, e tínhamos uma biblioteca livre, onde as pessoas podiam pegar livros emprestados, sem a necessidade de registrar nome.

O Templo da poesia, também realizou ações como o projeto Viagem Poética, aprovado pela Secultfor, no ano de 2010; participou da Bienal Internacional do Livro do Ceará, desde 2012; participou da Terceira Edição do Manifesta, que ocorreu no Dragão do Mar; e participou do Feirão de Economia Solidária no Benfica, em 2012, entre diversas outras ações.

Atualmente, os saraus que têm se propagado pelas periferias da cidade, e que adotam a prática democrática do “Microfone aberto”, em que qualquer pessoa pode se manifestar; me lembram a proposta de organização do Templo da poesia. Na verdade, acredito que tudo está conectado, e a vivência da arte de forma livre e espontânea é algo que se propaga. E acredito na perspectiva de que o Templo foi um início.

No ano de 2011, o antigo anseio em viver no campo, se tornou, cada vez mais latente, então, eu e Ana, que antes morávamos no bairro Jacareacanga em Fortaleza, compramos do Ítalo Rovere, dois lotes de um terreno localizado em Maranguape e construímos uma casa para morar.

Morando em Maranguape, nos deslocávamos até o Templo da poesia para nossas atividades. Esse percurso, aconteceu até 2015, quando, aos poucos, o

deslocamento acabou se tornando inviável. Então, pensando em ampliar as ações do Templo da poesia, o trouxemos para o mesmo terreno no qual havia nossa casa, em Maranguape. Então, as ações artísticas e culturais passaram a acontecer na Vila. Aos poucos, outros moradores foram chegando; Ítalo pediu para que eu construísse uma casa lá, depois veio o Carlos Amaro depois Antônio Pinto. Foi assim que surgiu a Vila de Poetas.

O Templo, hoje, é um espaço dentro da Vila de poetas, que se localiza na Rua João Damasceno Ramos, nº 564, Novo Maranguape II, em Maranguape. A Vila Poetas, como espaço artístico cultural, já tem mais de 10 anos de existência. Atualmente, possui diversos espaços, além das casas dos artistas que moram lá, como eu e Ana. Os espaços são: o já mencionado templo da poesia, a tenda, a bodega, a cozinha comunitária, redários para descanso, duas salas multiusos, diversas pracinhas e espaços de socialização. Esses outros espaços foram ampliando ainda mais as atividades e possibilidades de ações que poderíamos desenvolver.

No decorrer de todos esses anos, hoje percebo com mais clareza, que toda minha vida se movimentou para a criação da Vila de poetas. Seja pelas histórias que eu ouvia, quando criança, sobre o Caldeirão de Santa Cruz do Deserto, que me trouxeram esse fascínio por modos de organizações coletivos e igualitários; seja pela minha luta nos movimentos sociais de moradia, ou, até mesmo, pela poesia que me cerca, e que vem da relação que tenho com as pessoas e com o mundo.

É a vivência com o Templo da Poesia e Vila de Poetas, que me motiva a seguir em frente, a fortalecer laços entre os membros da comunidade em que vivo e nossos visitantes, a viver valores sociais e ambientais diferentes dos encontrados na vida urbana globalizada. Inclusive, meu terceiro e quarto livros “Eu vi o invisível” (2015) e “Apaziguá-la” (2018), partem de uma relação muito forte com esse lugar.

Dessa forma, o Templo da Poesia, se faz como um espaço para todos os públicos, caracterizado por concentrar uma enorme pluralidade de pessoas e aberto a receber todos os grupos sociais e identitários. Possibilitando, assim, um lugar democrático de fomento a leitura e a escrita, a arte e a cultura, pautados nos critérios de igualdade e de liberdade.

Devido a situação da Pandemia, com a promoção do distanciamento social, tivemos que desacelerar as ações sociais do Templo da Poesia. Assim, após um período intenso de reflexões, percebemos como a poesia tem um papel fundamental para combater os efeitos negativos que o isolamento social causou nas pessoas, afinal, ela possui a força da união, da harmonia e da esperança.

Nesse momento da minha vida, busco publicar outros livros e também continuar a ação literária: “Poemoteca do ser”, que tem levado poesia para diferentes espaços. Também estamos planejando adquirir uma kombi para circular pelas periferias de Fortaleza e cidades do interior do Ceará com o “Palco móvel da poesia itinerante”, proposta que busca possibilitar ações em poesia, cine-literário, oficinas de escrita criativa e escrita terapêutica, entre outras ações.

É assim, que desejo seguir em frente, caminhando junto e enveredando pelos percursos que a poesia pretende me levar. Hoje, o caminho que ela mais me tem apontado é para que eu, Reginaldo Figueiredo, me empenhe, cada vez mais, em criar espaços de autoconhecimento, que ajude tanto a mim mesmo, quanto aos outros. Além disso, também desejo poder contribuir na realização dos sonhos das pessoas, e acredito que é por meio da poesia que isso é possível.

“É fácil viver. Mas poucas pessoas sabem disso.”